

Coordenação: Carlos Lozoya, Emília Faria

SENSITIZATION TO HYMENOPTERA VENOM IS COMMON, BUT SYSTEMIC STING REACTIONS ARE RARE

Gunter J. Sturm, Bettina Kranzelbinder, Christian Schuster, Eva M. Sturm, Daniala Bokanovic, Jutta Vollmann, Karl Grailsheim, Wolfgang Hemmer, Werner Aberer

Journal of Allergy and Clinical Immunology 2014; 133:1635-43

Introdução: A sensibilização ao veneno de Himenópteros (SVH) sem história de reação sistémica (RS) é frequentemente observada na população adulta. A prevalência estimada de picada é de 57% a 94%, sendo que 2,4% a 26,4%, reportam reação local exuberante (RLE) e apenas um 0,3% a 7,5% RS. A relevância clínica/risco para futuras picadas encontra-se ainda pouco estudada. Por outro lado, uma importante percentagem de indivíduos sensibilizados a alergénios não-glicosilados dos venenos toleram a picada destes insetos. Presume-se que a maioria dos indivíduos sensibilizados a pelo menos um veneno não manifestará reações sistémicas. O objetivo deste estudo foi avaliar o efeito destas sensibilizações com provas de provocação (PP) com abelha/vespa (A/V), monitorizando as alterações serológicas no período de 2 anos.

Métodos: Foram realizadas 131 PP com A/V (78 A, 53 V) em 94 indivíduos, com história de sensibilização assintomática (SA). Em indivíduos com dupla sensibilização, as 2 PP decorreram no mesmo dia. Foram analisados parâmetros como: manifestações clínicas, determinação IgE específicas (slgE), testes cutâneos (TC) e teste de ativação de basófilos (BAT). Os doseamentos da slgE foram discriminados em “reatores/não-reatores” após 3 horas, 1 e 4 semanas e 1 ano.

Resultados: Dos 110 indivíduos selecionados inicialmente, 94 realizaram PP (46,8% sexo ♂ e 53,2% sexo ♀, idade média: 29 anos; 51,1% com predisposição atópica e 28,7% com RLE prévia). Foram registadas RS em apenas

5 indivíduos (5,3%). Por outro lado, 41 indivíduos (43,6%) apresentaram RLE após picada de himenópteros (16 com história prévia). Observou-se um risco 9,5 vezes superior para RLE, mas não para RS quando comparados com a população geral. Três horas após a picada, os níveis de slgE diminuíram ligeiramente sem casos de negativização. Após 1 semana, a slgE aumentou progressivamente até 3,5 vezes os níveis basais, sendo máxima às 4 semanas. Para avaliar a relevância clínica deste aumento, foram selecionados aleatoriamente um ano depois 18 indivíduos para nova PP. 50% deles apresentaram RLE, sem qualquer caso de RS. Existiu viragem positiva nos TC intradérmicos e BAT com respeito à primeira PP.

Comentário: Este estudo é pertinente e interessante no sentido em que avalia o risco/predisposição para reações sistémicas em doentes com SVH. Os resultados obtidos suportam a evidência que a sensibilização ao veneno de himenópteros é comum na população em geral. Embora as reações sistémicas sejam pouco frequentes, o risco para RLE é significativamente superior. Por outro lado, indivíduos com RLE prévia não têm risco acrescido para RS. Apesar do progresso em métodos de diagnóstico, como BAT e recombinantes moleculares, ainda não é possível a diferenciação entre SA, RLE e RS. Assim, é consensual não justificar medidas adicionais em indivíduos sensibilizados não alérgicos ao veneno de himenópteros. Por outro lado, é importante referir que o aumento da slgE, reversível 1 ano depois da repicada, não implica a conversão para um estado alérgico. Uma limitação deste estudo foi o período decorrido entre a primeira e a segunda PP que poderia implicar um aumento dos níveis da slgE se tiver sido realizada mais precocemente (4 semanas após a PP).

Letícia Pestana,
Interna de Imunoalergologia
Hospital Santa Maria
Centro Hospitalar Lisboa Norte

EFFICACY OF IGE-TARGETED VS EMPIRIC SIX-FOOD ELIMINATION DIETS FOR ADULT EOSINOPHILIS OESOPHAGITIS

J. Rodriguez-Sanchez, E. Gomez Torrijos, B. Lopez Viedma, E. de la Santa Belda, F. Martin Davila, C. Garcia Rodriguez, F. Feo Brito, J. Olmedo Camacho, P. Reales Figueroa, J. Molina-Infante

Allergy 2014; 69: 936-42

Introdução: A dieta de evicção orientada pelos testes cutâneos não tem sido eficaz nos adultos com esofagite eosinofílica (EoE), enquanto que a dieta empírica de evicção dos seis alimentos (leite, ovo, trigo, legumes, frutos secos e peixe/marisco) demonstrou uma eficácia de 70%.

Objectivo: Comparar a eficácia da dieta de evicção baseada nas IgE específicas (DE-sIgE) com a dieta de evicção dos seis alimentos (DESA).

Métodos: Estudo prospectivo em doentes adultos com EoE. Foram doseadas as IgE's específicas, realizados testes cutâneos por picada (TCP) e epicutâneos (TE) aos alimentos incluídos na DESA. Indivíduos com IgE específica $\geq 0,1$ kU/l, foram submetidos a uma DE-sIgE durante 6 semanas, enquanto que doentes não sensibilizados foram submetidos à DESA durante 6 semanas. Nos indivíduos que responderam à dieta (<15 eos/HPF), os alimentos foram reintroduzidos individualmente, seguido de avaliação histológica.

Resultados: Foram incluídos 43 doentes com EoE (26 – DE-sIgE e 17 – DESA). Relativamente à DE-sIgE a média de alimentos eliminados por doente foi significativamente inferior à da DESA (3,81 vs 6; $P < 0,001$), tendo sido o trigo (85%), os frutos secos (73%) e o leite de vaca (61%) os alimentos mais frequentemente retirados. Ambas as dietas reduziram de forma significativa a sintomatologia, avaliada pelo índice de ELSA (eosinophilic esophagitis live symptoms assessment). Não foi observada diferença estatisticamente significativa entre os exames histológicos dos doentes que realizaram DE-sIgE vs os doentes que reali-

zaram DESA. Os alimentos implicados, identificados na fase de reintrodução alimentar, foram o leite de vaca (64%), trigo (28%), ovo (21%) e legumes (7%), sendo que em 71% dos doentes esteve implicado apenas um alimento. Os doentes que realizaram a DE-sIgE necessitaram de menos endoscopias que os doentes submetidos à DESA. As IgE específicas demonstraram maior exactidão na identificação dos alimentos implicados em doentes sensibilizados (sensibilidade 87,5%, especificidade 68%).

Conclusão: Obteve-se remissão histológica em 73% dos doentes que foram submetidos a DE-sIgE, o que não foi significativamente superior à DESA. A IgE específica identificou de forma mais eficaz, comparativamente com os TCP e TE, os alimentos implicados, mas não demonstrou concordância com a reintrodução dos alimentos, excepto para o leite de vaca.

Comentário: A EoE era considerada uma doença pouco frequente e com pouca relevância epidemiológica, no entanto, nos últimos anos, observou-se um aumento significativo desta patologia e com ele a necessidade de encontrar uma abordagem terapêutica eficaz. Diversos estudos realizados demonstraram a eficácia de uma intervenção a nível da dieta, no entanto a grande maioria foram estudos efectuados em populações pediátricas. Relativamente aos adultos, existem poucos estudos que tenham testado uma dieta baseada nas IgEs específicas ou que tivessem comparado as várias opções de intervenção a nível da dieta. Apesar deste artigo apresentar várias limitações, considerei-o pertinente porque é abordado um estudo comparativo entre a DE-sIgE com a DESA. Ambas as dietas obtiveram resultados semelhantes a nível da remissão clínica e histológica, no entanto a DE-sIgE implicou um menor número de restrições alimentares e de endoscopias, dois factores relevantes a considerar quando se pondera a dieta como opção terapêutica.

Cátia Alves

Interna de Imunoalergologia

Hospital Dona Estefânia

Centro Hospitalar Lisboa Central